

Studiolo XXI – desenho e afinidades

Em Studiolo XXI – desenho e afinidades, os artistas conduzem-nos por exercícios felizes. Uma caminhada estética é empreendida; traçam-se percursos onde a contemplação possa levar, evadir-se e ser desencadeada a ação crítica.

O processo condutor desta exposição implicou o diálogo (escrito, sobretudo) com uma percentagem significativa dos artistas que agora se presentificam. É sempre um privilégio visitar uma vez mais os ateliês dos artistas: encontrá-los e ouvir as suas ideias (diferenças e afinidades) ao pensarem o desenho. Entrar no “*Studiolo*” de todos estes artistas (e ainda daqueles de quem se gostaria de apresentar trabalho e não foi possível) é uma utopia feliz. As obras correspondem, na maioria dos casos, a escolhas resultantes de conversas com os autores, colecionadores e galeristas. A seleção pressupõe uma revisão pessoal, contemplando cerca de cinco décadas de desenho pensado em contextos díspares, convergindo para a definição de um *Studiolo* (porventura sui generis) apontando a este século XXI. Originariamente, o *Studiolo* era estabelecido de tal modo que o príncipe, no seu palácio renascentista, nele se albergasse para aí reproduzir “a imensa variedade do mundo, numa metáfora do poder, da posse daquilo de que apenas ele podia dispor, quer fosse de origem natural ou produto do artifício humano.”¹

Este *Studiolo XXI* tem tantos *príncipes* quantos os visitantes da exposição. As obras expostas proporcionam intervalos para fruir entre a lentidão e a fugacidade, a duração e a sofreguidão, consoante o ritmo que se disponibilize e queira. Recupera-se o direito de se ver rodeado daquelas imagens-desenho-ideias que enchem o ânimo de lucidez. Quer a noção cartográfica, quer a *coisa mental* que no desenho existe, é na pluralidade que ela reside, imperando um certo excesso que alastra

pelas dez salas e espaços exteriores do *Centro de Arte e Cultura da Fundação Eugénio de Almeida*. A confluência de obras, numa arquitetura carregada de responsabilidade, aplacará a gula de todos os enredos. Todos se reúnem num banquete de desenho porventura improvável.

A seleção correspondeu, necessariamente, à decisão de incluir linguagens artísticas e tendências estéticas díspares, reverberando gostos, donde a compulsão em dialogar entre termos considerados improváveis. Entre aproximações mais distanciadas, de conjunto, destacam-se os detalhes e fragmentos que cada visitante irá identificar – como sublinhou Daniel Arasse no seu livro emblemático. A cada pessoa a liberdade de associar pormenores e inventar dissociações ou afinidades – que sejam suas e não apenas as que se evidenciam imediatamente. Não foi intenção abordar, de modo exaustivo, as múltiplas reflexões acerca do *desenho*. Tão-somente se evocam algumas notas para enquadrar os trabalhos adstritos a uma exposição que acolhe cerca de 180 artistas, nacionais e internacionais, na sua maioria ativos a partir de finais da década de 70, com obra produzida nas décadas seguintes e até ao presente.

A tendência para colecionar é intrínseca ao humano, que acumula coisas com interesse ou afeto, tal como o ato de desenhar que, em termos antropológicos, lhe subjaz intimamente. O impulso de guardar, de conservar, também. E a vontade de aceder a espaços públicos onde, hoje, qualquer um pode, por algum tempo, usufruir ou perder-se na contemplação de obras

que convidam a um regresso demorado, talvez responda a esse impulso vital.

Recuperando a ideia de *Studiolo*, tornamo-nos visitantes de uma espécie de *cosmologia* atual do desenho. Com as portas abertas para os jardins, páteos e espaços limítrofes do *Centro de Arte e Cultura*, as obras deste *Studiolo XXI* glosam as várias aceções do desenho, expandem-se e tocam quem passe inadvertido, conduzem a espaços imprevistos, sugerem percursos singulares e geram algum espanto... espera-se.

Maria de Fátima Lambert
Curadora

1. Giuseppe Olmi, citado por Alfredo Baratas Díaz, Antonio González Bueno, “De gabinete a ‘science center’: 500 años de coleccionismo en Historia Natural”, *Memorias R. Soc. Esp. Hist. Nat.*, 2ª ép., 10, 2013, p. 12.